

O USO DA PLURALIDADE NO SINTAGMA NOMINAL

Sandra Beatriz Koelling*

RESUMO

O presente trabalho visa a analisar o fenômeno de pluralização do sintagma nominal na linguagem oral do português falado no Brasil. Além dos pressupostos teóricos, foram coletados dados a fim de comprovar a existência de variáveis sócio-culturais e lingüísticas que exercem influência na frequência de utilização do fonema /s/ marcador de plural. Enquanto alguns fatores mostram-se eficazes para a explicação do fenômeno, como é o caso do nível de escolaridade e da posição do elemento no SN, outros são inexpressivos e de pouca influência. É o caso do sexo dos informantes e da classe gramatical do termo.

Palavras-chave: pluralização do sintagma nominal, variáveis lingüísticas.

ABSTRACT

This report will analyze the phenomenon of the pluralization of noun phrases in Portuguese spoken in Brazil. In addition to theoretical assumptions, data were collected to demonstrate the existence of socio-cultural and linguistic variables that influence the use of the phoneme /s/ as a plural marker. While some factors effectively explain the phenomenon – as in the case of education level and the position in the “NP” element – others have much lesser impact, such as, the sex of the speakers and the class of speech the word.

Keywords: pluralization of noun phrases, linguistic variables.

* Acadêmica do curso de Letras da UNISC e professora da rede municipal de ensino. Trabalho apresentado inicialmente como monografia de graduação no curso de Letras da UNISC, 2000.

INTRODUÇÃO

Durante o processo de ensino da língua portuguesa, os *conteúdos* versam essencialmente sobre a escrita e suas normas, deixando esquecida a oralidade. Mesmo sendo empregada em qualquer ambiente e, portanto, não restrita ao uso escolar, a fala é repetidamente castrada, em vez de ser orientada como item essencial de construção do pensamento.

Por isso, é essencial ter clareza da importância da pesquisa sociolinguística na educação. Somente assim, os professores de língua portuguesa poderão ter conhecimento das alterações morfológicas, fonêmicas e sintáticas, e revelar aos alunos a dicotomia entre usos e finalidades de dois códigos: o escrito e o falado. De consciência disso, a presente pesquisa dará atenção a um fenômeno linguístico que, na escola, é apresentado sob forma de regras de concordância, mas que está em processo de mutação: o uso da marca de pluralidade no sintagma nominal do português falado no Brasil. Sabe-se que o processo ocorre principalmente na linguagem oral, tendo em vista a natureza de tal código.

1 UM CONTRAPONTO ENTRE ORALIDADE E ESCRITA

Sujeita a ajustes contextuais, fonológicos e morfossintáticos, a fala pode ser considerada o código que estabelece maior vínculo com o futuro, enquanto a escrita representa a forma de perpetuação do passado de uma língua, mesmo que idealizada e padrão. No entanto, é preciso observar que ambas se utilizam do mesmo sistema gramatical e podem apresentar intenções semelhantes. Por isso, como explica Kato, fala e escrita possuem uma "isomorfia parcial". A autora comenta que, "na fase inicial, é a escrita que tenta representar a fala - o que faz de forma parcial - e, posteriormente, é a fala que procura simular a escrita, conseguindo-o também parcialmente" (Kato, 1998, p.11).

Existem ainda diferenças funcionais, percebidas de maneira diacrônica e sincrônica. Desde a Antiguidade até os dias atuais, observa-se que a função da atividade linguística tem sido alterada com a evolução das sociedades. Também é visível a variação existente entre as duas modalidades conforme as diferenças sociais estabelecidas pelas nações através do letramento.

Quanto às diferenças formais entre fala e escrita, é pertinente enfatizar que as mesmas são resultantes de condições de produção e de uso. Em relação à primeira questão, Kato cita como variantes o grau de planejamento e a submissão consciente às normas pregadas para a escrita. Já em relação à segunda, tem-se a escolha e adaptação das formas à situação em que são usadas.

Sabendo dessa similaridade formal entre fala e escrita, é necessário considerar, para cada uma das modalidades, as variáveis social e psicológica, o grau de letramento, o gênero, entre outros critérios.

Portanto, a língua falada encontra-se vinculada à situação concreta na qual é enunciada. Ela é breve e sobrevive durante a circunstância de sua realização. Assim, a fala não se repete nunca exatamente da mesma forma. Mesmo um texto decorado sofre alterações de acordo com a situação em que é proferido. As diferenças podem ser percebidas na entonação, pausas entre palavras e frases, por exemplo. Conclui-se, dessa forma, que a linguagem oral é sempre particular e com possibilidade de variações de um falante para o outro ou do mesmo em situações de uso específico para determinado contexto.

Além disso, o texto escrito possibilita exaustivas revisões, ao contrário do que ocorre na fala espontânea. Essa, quando não está vinculada ao texto escrito, não apresenta tentativas de correções. O conteúdo transmitido pelo falante torna-se o aspecto prioritário do discurso, enquanto que a preocupação com a formalidade é esquecida ou, ao menos, não realizada conscientemente. É evidente que, como já foi explicado, a fala está condicionada ao conhecimento prévio do falante e à situação em que é empregada. Por isso, a busca da norma culta também pode estar presente na linguagem oral, dependendo do efeito que se pretende atingir e do desempenho linguístico de quem se utiliza da língua.

A fala é vista ainda como símbolo de identificação e de prestígio para os grupos que dela fazem uso, como menciona Schlieben-Lange (1977, p. 129). De consciência disso, na apresentação da obra lê-se:

... toda lengua refleja cierto modo de vivir, cierta cultura; toda sociedad adopta ciertas categorías lingüísticas para captar la realidad. Más aún: cada comunidad siente su habla como un símbolo de identidad frente a otras comunidades. Ahora bien, la sociolingüística considera la lengua no en el aspecto homogéneo y estático - a diferencia de estructuralistas y transformativistas -, sino en el aspecto heterogéneo e dinámico. Le interesan, pues, las diferencias lingüísticas, bien sean regionales (dialectales), bien socioculturales, bien estilísticas, tal como há indicado E. Coseriu.¹

¹ Toda língua reflete certo modo de viver, certa cultura; toda sociedade adota certas categorias linguísticas para captar a realidade. Mais ainda: cada comunidade sente sua fala como um símbolo de identidade frente a outras comunidades. Assim, a sociolinguística considera a língua não no seu aspecto homogêneo e estático - diferente dos estruturalistas e transformacionistas -, mas sim em seu aspecto heterogêneo e dinâmico. Interessam-lhe, pois, as diferenças linguísticas, sejam as falas regionais (dialetos), sejam as socioculturais, ou as estilísticas, tal como foi apontado por E. Coseriu. (Tradução da autora).

O autor explica que a língua - objeto de estudo do pesquisador - deve ser observada em sua efetiva realização dentro do grupo social. Dessa forma, cada situação de fala irá abranger determinada diversidade e, ao mesmo tempo, uma certa similaridade, visto que a diversidade não pode ser tamanha a ponto de impedir a comunicação. Não se trata aqui de analisar um discurso ideal, de um falante ideal de uma comunidade homogênea, como previa Chomsky. Trata-se de uma proposta que visa à sistematização da língua relacionada à sociedade na qual é empregada e das variações que se estabelecem em sua existência real. Essa dimensão simbólica estabelecida pela linguagem serve a dois propósitos: a construção de uma fala com analogias fônicas, que demonstra uma coesão ou consistência simbólica entre o grupo; e a delimitação do grupo, estabelecendo uma barreira linguística que denuncia os estrangeiros, ou seja, aqueles que não pertencem ao grupo.

Nesse sentido, William Labov desenvolveu uma pesquisa acerca da linguagem na comunidade da ilha de Martha's Vineyard, no Estado de Massachusetts, em 1963 (Tarallo, 1986). A invasão de veranistas provocou mudanças sociais na ilha, o que acarretou o uso de uma variante linguística identificadora dos usuários do local. O pesquisador chegou à conclusão de que alguns traços fonéticos estavam sendo exagerados para tornarem-se a marca local da comunidade e garantir, assim, uma identidade cultural e o espaço do grupo social afastado dos demais. O estudo mostra também que essa variante utilizada em Martha's Vineyard era, simultaneamente, conservadora, não-padrão e estigmatizada.

Conforme Kato (op.cit., p.10), o estudo da língua em sua versão oral iniciou-se com a linguística moderna que veio contrapor-se à gramática tradicional, voltada essencialmente à língua padrão, para a qual a pesquisa era fundamentada em dados subjetivos de um falante ideal ou baseados em frases descontextualizadas.

No entanto, a partir da sociolinguística, da neurolinguística e da análise do discurso, o *corpus* de estudo da língua passa a ser a fala contextualizada em sua transcrição bruta e espontânea. Isso auxilia o trabalho do pesquisador que entende a linguagem como fenômeno em uso, pois os dados não são artificiais ou idealizados.

Dessa forma, alguma variante não aceita pela gramática normativa, como é o caso da concordância de pluralidade no sintagma nominal, pode vir a constituir-se uma variante aceita no falar coloquial do português brasileiro. No entanto, existe uma deficiência da gramática em acompanhar a língua em uso. A transformação em norma explica, na maioria das vezes, a situação de inércia da gramática em relação à linguagem oral. Portanto, conclui-se que uma teoria

acerca da atividade linguística possui uma adequação parcial, pois desconsidera as diferenças e transforma algumas representações em normas ou modelos.

Assim, os sociolinguistas buscam romper com a tendência de tratar as línguas como sendo uniformes. Uma das maiores tarefas dessa teoria, conforme constata Bright (1974), "é demonstrar que na verdade tal variação ou diversidade não é livre, mas correlacionada a diferenças sociais sistemáticas" (p.17). Em outras palavras, os conceitos de diversidade e condicionamento são dimensões importantes na pesquisa sociolinguística.

2 A PERSPECTIVA DOS TEÓRICOS BRASILEIROS

A variação quanto ao uso da marca de plural no SN pode apresentar-se nas seguintes formas: 1) as meninas bonitas, 2) as meninas bonita e 3) as menina bonita (Tarallo, op.cit., p. 9). Segundo o autor, o primeiro falante demonstrou seu desempenho linguístico relacionado à forma padrão do português. O exemplo 2 mostra uma fala que concorda na marca de plural nos dois primeiros elementos, mas não o retém no modificador, ao passo que no exemplo 3 o falante usa o fonema /s/ apenas no primeiro elemento do SN. Tarallo salienta ainda que, no Brasil, a variante /s/ é padrão, conservadora e de prestígio, ao passo que a variante zero é inovadora, estigmatizada e não-padrão.

Para Rodrigues, (1974) "a regra de concordância consiste num processo de transformação afixal, pela qual o número plural será marcado por um afixo, depois de cada constituinte do grupo nominal. O afixo plural tem a forma./s/" (p. 54). A linguista continua seu estudo afirmando que a categoria é redundante, pois afeta todos os constituintes do sintagma nominal.

Entretanto, ela revela que essa redundância é eliminada na fala, permanecendo a marca de plural apenas no determinante e sofrendo apagamento no nome. É preciso salientar que Rodrigues está tentando provar que a posição inicial favorece a transformação afixal, visto que essa é constantemente a mais marcada no sintagma. Contudo, se o nome-núcleo é o primeiro elemento a ser mencionado, este será marcado morfológicamente pelo fonema, enquanto que os seguintes sofrerão com menos frequência o emprego do /s/ no plural.

Outras vezes, comenta o autor, "a marca do plural passa para o segmento seguinte, produzindo transformações morfológicas" (ibidem, p. 54). Rodrigues dá como exemplo a expressão "Do zóio verde". Complementando a explicação, Lopes salienta que existem diferenças no plano de expressão de um mesmo morfema. Dessa forma, durante a cadeia da fala, são exigidas algumas adaptações articulatorias. O autor denomina essas exigências de coerções fônicas do

contexto e acrescenta:

A tais coerções estão submetidos todos os elementos provenientes da instância de superfície que emergem para a instância de manifestação; elas visam integrar o novo elemento na vizinhança dos demais que com ele ocorrem e, para tanto, o enquadram em padrões fonológicos e prosódicos bem regulares, peculiares às frases de cada língua. (Lopes, [s.d.] p. 160)

Assim, o que se pode observar é uma heterogeneidade no plano fonológico, mas uma homogeneidade no nível do conteúdo. Os sufixos /z/ ou /iz/, por exemplo, são considerados como interpretações fonológicas diferentes de um mesmo morfema, que designa a marca de pluralidade nos nomes. Lopes assinala que cada interpretação fonológica de um mesmo conteúdo é denominado de morfê. Segundo ele, "um morfê é, portanto, o plano de expressão concretamente utilizado a cada instante por um morfema que emerge na instância de manifestação da língua" (ibidem, p. 160).

Tais variações não são aleatórias e podem ser explicadas através de alguns fatores lingüísticos e extralingüísticos que exercem influência sobre a linguagem. Destacam-se, entre os primeiros, a posição do elemento no sintagma e sua classe gramatical, segundo classificação da gramática tradicional. Quanto aos fatores extralingüísticos, também denominados variáveis sociais, podem ser citados o sexo dos informantes, a escolaridade, a classe social e a localidade em que reside o falante, tendo em vista o grupo a que ele pertence.

3 METODOLOGIA

3.1 As hipóteses a serem pesquisadas

Após a busca de referencial bibliográfico, a pesquisa de campo serviu para confirmar ou desconsiderar as seguintes hipóteses formuladas:

- 1 - A marca de pluralidade no SN frequentemente é esquecida na linguagem oral, sendo a primeira posição a que apresenta maior frequência de uso. Isso acontece porque, dessa forma, o ouvinte sabe de imediato se o interlocutor está falando de um ou mais seres.
- 2 - Essa economia lingüística pode ser mais fortemente notada nas pessoas de classe baixa que possuem pouca escolaridade. Pessoas com nível social mais elevado procuram utilizar a linguagem culta e padrão, garantindo,

assim, a distinção social por meio da linguagem.

- 3 - Entrevistados de regiões interiores estão mais sujeitos ao apagamento da marca de plural e tendem a apresentar menor índice de utilização do morfema indicador de plural.

3.2 O método

No presente trabalho, utilizou-se o método de estudo das comunidades lingüísticas descrito por Labov. Conforme o autor, o pesquisador deve participar da interação de maneira direta, sem que sua presença possa desencadear um processo de policiamento quanto ao uso da linguagem. Portanto, seu método deve ser semelhante ao de um antropólogo durante a coleta de dados, neutralizando a força de sua presença e buscando a identificação com o grupo de seus informantes.

Dessa forma, os entrevistados podem agir de forma natural, sem se precaverem quanto a possíveis falhas gramaticais durante a conversa. Para alcançar o objetivo de coletar falas descontraídas e informais - o chamado vernáculo -, as entrevistas foram realizadas no município em que a pesquisadora trabalha e é conhecida.

3.3 O instrumento

A coleta foi realizada no município de Vera Cruz, interior do Rio Grande do Sul. Tanto na cidade quanto no interior, foram aplicados questionários orais sobre temas de conhecimento específico do local, com perguntas acessíveis às pessoas entrevistadas. Assim, na localidade de Andreas, o assunto em questão foi a fumicultura, ao passo que na cidade as questões abordaram programas de televisão, especificamente as telenovelas.

Cada questionário-guia construído pela autora era composto por seis perguntas amplas que suscitaram variados comentários. Elas foram elaboradas com o intuito de envolver emocionalmente o informante e, dessa maneira, atingir os propósitos de encontrar falas despreocupadas com as formalidades da língua. O roteiro de perguntas, além de assegurar a manutenção do diálogo, provoca narrativas de experiência pessoal e uniformiza os dados para futuras comparações.

3.4 Aplicação dos instrumentos

Os instrumentos foram aplicados individualmente. A pesquisadora formu-

lava a primeira pergunta do questionário e, em seguida, o entrevistado respondia oralmente, utilizando para isso o tempo que lhe fosse conveniente. A resposta era gravada em fita-cassete, com o auxílio de um minigravador de boa qualidade técnica. O procedimento foi repetido com as demais perguntas.

Para uniformizar o *corpus*, estipulou-se o tempo de 10 minutos de fala para cada entrevistado. Caso a pesquisadora percebesse que esse tempo fora ultrapassado, deixava de formular as questões posteriores. Dessa forma, foi possível uma análise mais criteriosa dos dados, visto que todos os sujeitos tiveram uma média temporal de discurso estipulada.

Após a gravação das entrevistas, essas foram atentamente ouvidas e transcritas foneticamente. Adotou-se o fonema /s/ como diferenciador para número no sintagma nominal. Mesmo assim, foram consideradas as variantes que igualmente indicam plural, como: /z/, /es/, /e's/ e /oe's/.

3.5 Os entrevistados

A pesquisa foi aplicada em 24 indivíduos adultos, selecionados aleatoriamente, sendo 12 da zona rural e 12 da zona urbana do município de Vera Cruz. Além da divisão por local de procedência, os entrevistados foram divididos por classe social. Foram considerados pertencentes à classe baixa os indivíduos com renda familiar de até dois salários mínimos, enquanto que de classe média aqueles com renda entre dois a seis salários e possuidores de casa própria.

Os entrevistados da zona rural trabalhavam ou já haviam trabalhado em atividades relacionadas à fumaicultura, como plantio, aplicação de veneno, colheita, classificação e venda. Por outro lado, os moradores interrogados na zona urbana exercem atividades na indústria e no comércio do município. As pessoas pesquisadas cuja idade era superior a 55 anos não exerciam atividades profissionais, pois já usufruíam de aposentadoria. Na tabela abaixo é possível vislumbrar algumas características individuais dos entrevistados.

TABELA 1: Dados sobre os informantes

Informantes	Sexo	Idade	Escolaridade	Classe	Origem
Inf.1 H.B.	Masculino	46	3ª série	Baixa	Interior
Inf.2 S.X.	Feminino	50	2ª série	Baixa	Interior
Inf.3 R.D.	Feminino	41	2ª série	Baixa	Interior
Inf.4 R.B.	Feminino	45	nenhuma	Baixa	Interior
Inf.5 J.L.	Feminino	29	4ª série	Baixa	Interior
Inf.6 I.S.	Feminino	34	6ª série	Média	Interior
Inf.7 N.S.	Feminino	60	3ª série	Média	Interior
Inf.8 E.B.	Masculino	43	4ª série	Baixa	Interior
Inf.9 M.T.	Feminino	58	4ª série	Média	Interior
Inf.10 C.L.	Feminino	36	4ª série	Média	Interior
Inf.11 I.º	Feminino	57	2ª série	Média	Interior
Inf.12 R.R.	Feminino	33	4ª série	Média	Interior
Inf.13 J.S.	Feminino	20	3ª série	Baixa	Cidade
Inf.14 E.N.	Feminino	65	1ª série	Baixa	Cidade
Inf.15 E.N.	Feminino	29	4ª série	Baixa	Cidade
Inf.16 M.B.	Feminino	30	7ª série	Baixa	Cidade
Inf.17 T.B.	Feminino	50	nenhuma	Baixa	Cidade
Inf.18 C.A.S.	Masculino	14	5ª série	Baixa	Cidade
Inf.19 M.L.	Feminino	42	2º grau	Média	Cidade
Inf.20 L.W.	Feminino	21	2º grau	Média	Cidade
Inf.21 E.W.L	Feminino	29	2º grau	Média	Cidade
Inf.22 C.L.I.	Feminino	22	2º grau	Média	Cidade
Inf.23 C.S.	Feminino	21	2º grau	Média	Cidade
Inf.24 C.F.	Feminino	18	2º grau	Média	Cidade

3.6 Os resultados

Na fala dos 24 entrevistados verificou-se a presença de 246 elementos no sintagma nominal que, pelas normas, estariam sujeitos à flexão de plural. Desse total, 173 termos foram flexionados como rege a gramática tradicional, o que equivale a um percentual de 70,3% de uso do morfema indicador de plural. A ausência da marca se deu em 73 casos, o que representa um índice 29,6%. O resultado individual da pesquisa encontra-se nas tabelas abaixo.

TABELA 2: Desempenho individual quanto ao uso do /s/ no SN - interior

Informante	Total	/S/	0	% de frequência	% de ausência
Inf.1	33	19	14	57,5	42,4
Inf.2	9	6	3	66,6	33,3
Inf.3	7	4	3	57,1	42,8
Inf.4	5	2	3	40	60
Inf.5	5	3	2	60	40
Inf.6	11	9	2	81,8	18,1
Inf.7	5	3	2	60	40
Inf.8	7	5	2	71,4	28,5
Inf.9	11	9	2	81,8	18,1
Inf.10	4	3	1	75	25
Inf.11	27	18	9	66,6	33,3
Inf.12	7	5	2	71,4	28,5
Total	131	86	45	65,6	34,3

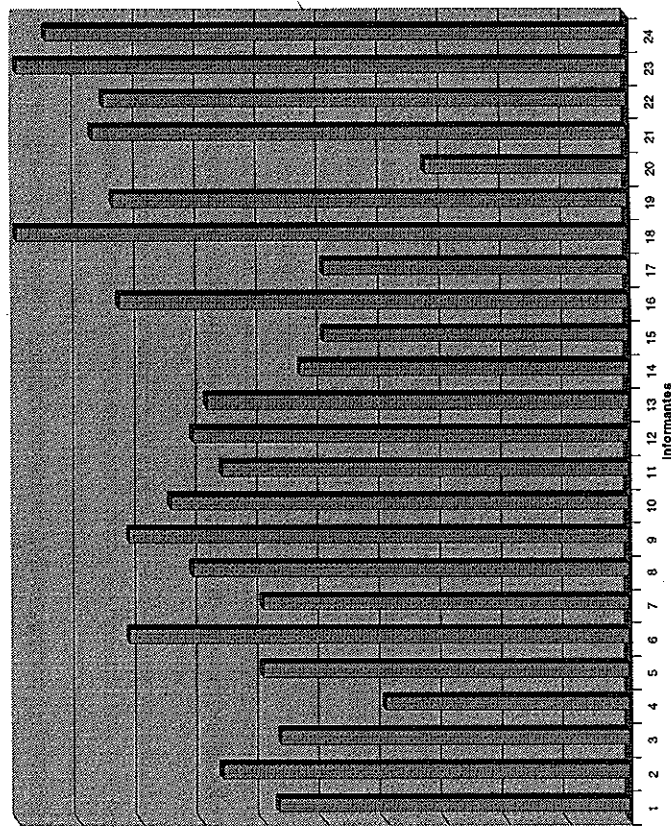
TABELA 3: Desempenho individual quanto ao uso do /s/ no SN - cidade

Informante	Total	/S/	0	% de frequência	% de ausência
Inf.13	13	9	4	69,2	30,7
Inf.14	13	7	6	53,8	46,1
Inf.15	6	3	3	50	50
Inf.16	6	5	1	83,3	16,6
Inf.17	8	4	4	50	50
Inf.18	1	1	0	100	0
Inf.19	19	16	3	84,2	15,7
Inf.20	6	2	4	33,3	66,6
Inf.21	8	7	1	87,5	12,5
Inf.22	7	6	1	85,7	14,2
Inf.23	7	7	0	100	0
Inf.24	21	20	1	95,2	4,7
Total	115	87	28	75,6	24,3

O gráfico 1 foi elaborado com o intuito de melhor visualizar o desempenho individual dos entrevistados. A partir de sua observação, é possível afirmar que cada indivíduo revelou determinado percentual de frequência quanto ao uso da

marcação de plural no SN, comprovando um desempenho individual específico. No entanto, pode-se estabelecer paralelos quanto aos índices coletados, principalmente em relação à escolaridade e à classe social e econômica dos informantes.

GRÁFICO 1: Frequência de uso da marca de plural por informante



Verificou-se que existe uma tendência a omitir o fonema /s/ na fala do sintagma nominal pluralizado. Essa elisão mostra que o falante procura evitar repetições semânticas de marcas que já foram fornecidas ao ouvinte. Por isso, geralmente a informação de plural é retida no primeiro elemento do SN, pois, dessa maneira, o ouvinte reconhece de imediato qual é o número de elementos mencionados.

O fenômeno de elisão ou apagamento de marcas com o intuito de evitar repetições semânticas e fonéticas é denominado economia lingüística. Foi possível verificar, inclusive, que essa economia não é restrita à variante pesquisada, pois pôde ser percebida em outro caso: a aglutinação de um substantivo ao artigo que o seguiu. Assim, “às nove horas, as crianças” transformou-se, devido ao contexto de uso, em /az novi or’as kriã’sas/. Mesmo sendo necessária a repetição de “as”, os fonemas não puderam ser identificados

duplamente, o que comprova o apagamento de fonemas.

Outro fato que merece ser apontado foi a frequência de uso da variante /z/ quando seguida de vogais, como /as pesoaz/ os rapaiz/ e neses ãuz atraz/. O fenômeno pode ser explicado pela aproximação de traços lingüísticos. Ou seja, é mais fácil aos falantes pronunciar o fonema /z/, entre sons vocálicos, do que apagar a marca de plural. Isso ocorre pela presença de sonoridade em ambos, novamente confirmando o conceito de economia e praticidade da linguagem oral.

4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

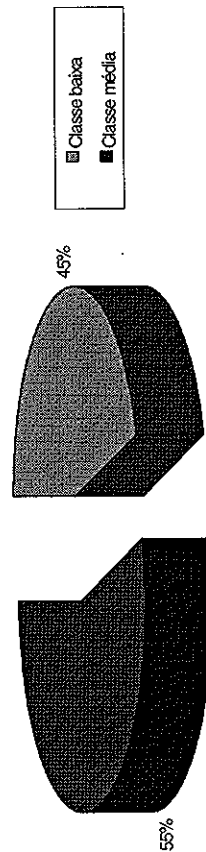
A coleta de dados comprovou que os falantes do município pesquisado primam pela economia lingüística. A ausência do morfema marcador de plural ocorreu em 32% dos casos, o que revela uma tendência de supressão do /s/, a fim de evitar repetições semânticas e morfológicas. No entanto, o fenômeno revela uma certa regularidade que pode ser percebida através do estudo de fatos extralingüísticos e lingüísticos. Os mesmos exercem influência e garantem uma previsibilidade a respeito de quais elementos são mais marcados ou apagados pela marca do plural no SN.

4.1 As variáveis extralingüísticas

4.1.1 O nível sócio-econômico e a escolaridade

Quanto ao nível sócio-econômico, pode-se perceber que a classe média tem maior índice de marcação do plural. Seu desempenho foi de 76,8% de casos marcados, ao passo que a média da classe baixa ficou em 63,2% de utilização do plural. Esses dados podem ser melhor visualizados no gráfico abaixo.

GRÁFICO 2: A utilização da marca de plural conforme a variável classe social



Como é possível perceber no gráfico 1 do capítulo anterior, 11 entrevistados da classe média tiveram um índice de 60% ou mais quanto ao uso da marca de plural no SN. Apenas um caso, o informante 4, obteve 40%, o que pode ser explicado pelo uso de numerais como primeiro elemento do sintagma. Ora, como “seis” e “sete” ocupam a posição mais frequentemente marcada, os elementos seguintes não receberam o morfema, pois a indicação de plural já havia sido mencionada semanticamente pelos numerais. Contudo, na classe baixa, seis informantes utilizaram o /s/ em 60% ou mais dos elementos, ao passo que os outros seis tiveram um índice de acertos menor que 60%. Nesse caso, a classe sócio-econômica isolada não é suficiente para explicar o desempenho quanto à marcação de plural.

Portanto, essa variável deve ser considerada correlacionada à outra: a escolaridade do informante. Assim, os índices mais altos de utilização da norma são encontrados nos indivíduos 19, 21, 22, 23 e 24, que possuem 2º grau completo, bem como o informante 6, com 6ª série. O informante 18 pode ser considerado uma exceção na amostra pesquisada, visto ter apresentado apenas um caso de sintagma pluralizado em sua fala. Enquanto a escolaridade maior garantiu um desempenho mais preso às normas gramaticais, a escolaridade baixa reduziu tal percentual. Assim, indivíduos da classe baixa que não possuíam escolaridade nenhuma, como é o caso de 4 e 17, atingiram índices baixos de uso do morfema marcador de plural. Ambos tiveram, respectivamente, 40% e 50% de frequência de uso da marca.

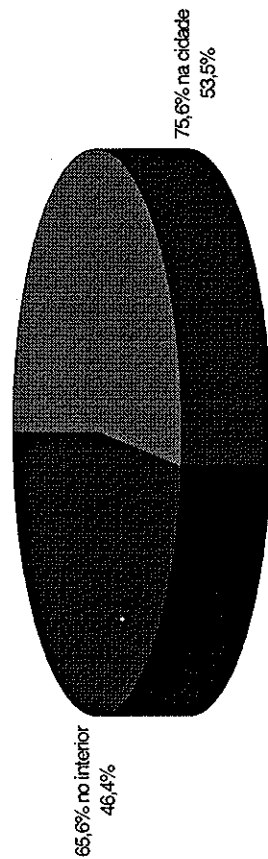
Percentuais baixos também foram encontrados nos informantes com escolaridade inferior à 5ª série e fazem parte da classe baixa, como por exemplo 1, 3, 14 e 15. O mesmo não pode ser afirmado com relação aos indivíduos de classe média que possuem escolaridade semelhante, pois 9, 10, 11 e 12 atingiram índices elevados de uso do morfema indicador de plural, mesmo possuindo escolaridade inferior à 5ª série.

A conclusão para isso reside no fato de que as variáveis classe sócio-econômica e escolaridade precisam ser analisadas paralelamente, o que se deve a duas razões. Em primeiro lugar, como foi anteriormente pesquisado, a linguagem é fator de diferenciação cultural entre os grupos, o que pode proporcionar uma divisão de classes também pelo uso que os indivíduos fazem de sua língua. Em segundo lugar, a escola é o local de ensinamento da língua padrão e, assim, quanto mais elevada a escolaridade, maior o conhecimento sobre a gramática e suas normas. Somente analisando ambas as variáveis é possível elaborar conclusões coerentes com o fenômeno estudado.

4.1.2 O local de procedência

Inicialmente, trabalhou-se com a hipótese de que o local de procedência pudesse interferir no desempenho dos falantes quanto à marcação de plural no SN. No entanto, a pesquisa de campo provou que os índices apresentados na cidade e no interior apresentam uma diferença de apenas 7 %, como pode ser observado no gráfico 3:

GRÁFICO 3: Frequência de uso da marca quanto ao local de procedência



Pelo gráfico, é possível vislumbrar que a marca de pluralidade foi utilizada, na cidade, em 75,6% dos casos, ao passo que, no interior, o percentual de uso do /s/ foi de 24,4%. Comparando os índices, obtém-se, respectivamente, 53,5 contra 46,4%, uma diferença de apenas 7 pontos percentuais favorecendo o uso do plural na cidade.

Essa margem pode ser considerada baixa para afirmar que o interior utiliza com menos frequência a concordância nominal. Conclui-se, assim, que a variável localidade de procedência (interior-cidade) atualmente tem fraca ou nenhuma influência na aplicação da regra de pluralidade. Além disso, buscar uma explicação para o fenômeno baseada exclusivamente nessa variável pode representar, de certa forma, preconceito lingüístico ou discriminação.

4.1.3 O sexo dos informantes

Pode-se observar que a variável sexo igualmente não é significativo no estudo da pluralização do SN. Observando o desempenho masculino, verifica-se que cada um dos entrevistados teve um desempenho particular, com índices de 57% de acertos (inf.1), 71,4% (inf.8) e 100% (inf.18). Em relação ao sexo feminino ocorreu fato semelhante. Algumas mulheres apresentaram índices baixos de utilização da marca, como as informantes 3, 4, 14, 15, 17 e 20, que usaram o /s/ em menos de 60 % dos casos. Outras atingiram um percentual

superior a 80%, como as entrevistadas 6, 9, 16, 19, 21, 22 e 24. Assim como ocorreu no sexo masculino, um informante marcou a pluralidade em 100% dos casos.

Realizando uma média entre os percentuais, é encontrada uma diferença de 7,4 pontos percentuais, ou seja, uma diferença pouco significativa pelo que foi anteriormente mencionado. Enquanto os homens utilizaram o /s/ marcador de plural em 76,3% dos casos, nas mulheres esse percentual caiu para 68,9%. Assim, pode-se afirmar que o desempenho individual apresenta maior influência do que a variável sexo, pois essa não demonstrou uma diferença significativa entre homens e mulheres. É preciso salientar, no entanto, que os entrevistados foram escolhidos aleatoriamente, o que ocasionou um maior número de informantes do sexo feminino.

4.2 As variáveis lingüísticas

4.2.1 Posição do elemento no SN

A hipótese de que a primeira posição é a mais marcada foi confirmada pela pesquisa de campo. Também foi comprovado que o percentual de uso do plural diminui da segunda posição em diante, o que reforça a idéia de economia lingüística. O fato tem uma explicação de cunho funcionalista, visto que semanticamente a informação de plural é dada no início do SN, sendo desnecessária e redundante se empregada novamente.

A tabela 4 mostra que na primeira posição a marca de pluralidade foi empregada em 99,1% dos casos. Já na segunda posição esse índice cai para 41,7%, prevalecendo o apagamento do fonema, o que ocorre em 58,2%. O índice de utilização do /s/ diminui ainda mais na terceira e quarta posições, nas quais a frequência de uso é de 40% e 25%, respectivamente.

TABELA 4: A frequência de uso do /s/ em cada posição do sintagma nominal

	Posição no SN						/s/						O					
	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4		
Informante	15	4	4	4	1	4	0	0	0	0	0	0	0	0	11	2		
Inf. 1	4	2	1	0	4	2	0	0	0	0	2	1	0	0	2	1		
Inf. 2	4	2	1	0	4	0	0	0	0	0	2	1	0	0	2	1		
Inf. 3	1	4	0	0	1	1	0	0	0	0	3	0	0	0	0	0		
Inf. 4	3	1	0	1	3	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	1		
Inf. 5	6	4	1	0	6	2	1	0	0	0	2	0	0	0	0	0		
Inf. 6	3	2	0	0	3	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0		
Inf. 7	4	3	0	0	4	1	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0		
Inf. 8	6	3	1	1	6	2	1	0	0	1	0	1	0	1	0	1		
Inf. 9	3	1	0	0	3	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0		
Inf. 10	14	10	3	0	13	5	1	0	1	0	5	2	0	2	0	0		
Inf. 11	3	4	0	0	3	2	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0		
Inf. 12	7	5	1	0	7	2	0	0	0	0	3	1	0	0	0	0		
Inf. 13	7	6	0	0	7	0	0	0	0	0	6	0	0	0	0	0		
Inf. 14	3	3	0	0	3	0	0	0	0	0	3	0	0	0	0	0		
Inf. 15	2	4	0	0	2	3	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0		
Inf. 16	4	3	1	0	4	0	0	0	0	0	3	1	0	0	0	0		
Inf. 17	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0		
Inf. 18	9	9	1	0	9	6	1	0	0	0	3	0	0	0	0	0		
Inf. 19	2	4	0	0	2	0	0	0	0	0	4	0	0	0	0	0		
Inf. 20	4	3	0	0	4	1	1	0	0	0	2	0	0	0	0	0		
Inf. 21	4	3	0	0	4	2	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0		
Inf. 22	5	2	0	0	5	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0		
Inf. 23	10	8	2	1	10	8	1	1	1	0	0	1	0	0	1	0		
Inf. 24	124	103	15	4	123	43	6	1	1	60	9	3	0	0	0	0		
TOTAL	99,1	41,7	40	25	0,8	58,2	60	75										
Frequência %																		

4.2.2 Classe gramatical

Outra variável analisada foi a classe gramatical dos elementos do SN. Parece evidente que o substantivo seja uma das classes menos marcadas no SN. No entanto, essa idéia pode ser refutada, tendo em vista que sua flexão ocorre quando ele ocupa a primeira posição do SN. O fato pode ser observado em “estômagos más” e “relacionamentos maduros”. Por outro lado, quando ocupa a segunda posição, o substantivo apresenta uma redução acentuada quanto ao uso da marca de plural, como em: “as costela”, as fumageira”, “os veneno”.

Da mesma forma, não se pode afirmar que artigos e demonstrativos são as classes mais marcadas. Tal fenômeno acontece por serem eles os elementos

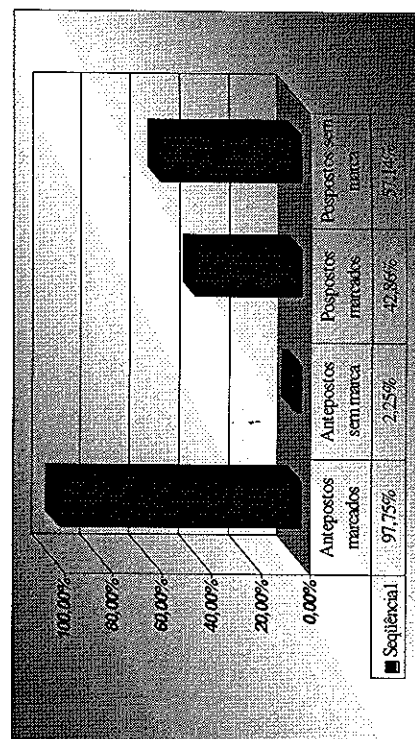
que geralmente ocupam a primeira posição. O adjetivo também teve pouca frequência de uso do /s/ devido à sua posição. Em “us nenezinho pequeninho” e “as gurizinha nova”, por exemplo, ele ocupa a terceira posição, o que desfavorece o uso da flexão. Nessa posição, outras classes, como o substantivo, também apresentam tal ausência, como ocorre em “meus próprios patrão”. Assim, não foi encontrada comprovação para maior incidência de uso da marca em determinada classe gramatical, visto que a posição do termo é mais influente no caso da flexão de número no sintagma nominal.

4.2.3 Posição do termo em relação ao núcleo

Outra variável analisada foi a posição do termo em relação ao núcleo do sintagma nominal. A questão a que se propunha a pesquisa quanto a esse fator foi a seguinte: existe uma regularidade de uso do /s/, fonema marcador de plural, tendo em vista a posição do elemento em relação ao núcleo do SN? A resposta percebida através da pesquisa de campo é afirmativa.

É possível constatar que os elementos antepostos ao núcleo do sintagma estão mais sujeitos à marcação de pluralidade, ao passo que, nos elementos postostos, a ausência do /s/ é mais frequente. O fato pode ser verificado no gráfico 4, em que os elementos antepostos ao núcleo do SN tiveram uma marcação de 97,75%. Dessa forma, o falante evita a redundância.

GRÁFICO 4: A utilização do plural em elementos antepostos e postostos ao núcleo do SN



Assim, observa-se que o adjetivo posposto é pouco marcado, devido à sua posição. Os exemplos, "os nenezinho pekeninho", "as guriazinhanova" e "os dois anos retrazado", confirmam essa afirmação. Já em "os últimos tempo" e "as minhas mãos" o adjetivo (últimos) e o pronome (minhas) antecedem o núcleo do SN, sendo ambos marcados pela marca de plural. Novamente se confirma a hipótese de que a classe gramatical é pouco relevante na análise do fenômeno estudado, enquanto que a posição do elemento dentro do sintagma tem maior influência.

Por outro lado, o núcleo apresenta um comportamento específico. A frequência de uso do /s/ nesse elemento depende da posição ocupada por ele, conforme foi anteriormente comentado. Quanto mais inicial, maior a probabilidade de possuir a marca.

5 CONCLUSÃO

Conclui-se, portanto, que para estudar a marca de plural no SN é preciso correlacionar fatores lingüísticos e extralingüísticos. Dessa forma, o pesquisador evita o preconceito e, além disso, não reforça a estigmatização dessa variável presente na linguagem oral do português brasileiro.

Foi comprovada também uma certa regularidade no fenômeno, que é apenas um dos casos de economia lingüística. Inúmeros outros são frequentemente utilizados para dar maior praticidade à comunicação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRIGHT, William. As dimensões da sociolingüística. In: FONSECA, M.S. V.; NEVES, M.F. (Orgs.) *Sociolingüística*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974. p. 17-23.
- KATO, Mary A. *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolingüística*. 6.ed. São Paulo: Ática, 1998. (Coleção Fundamentos)
- LABOV, William. *The social motivation of sound change*. [s.l.] Word: 1963.
- LOPES, Edward. *Fundamentos da lingüística contemporânea*. São Paulo: Cultrix, [s.d.].
- RODRIGUES, Ada Natal. *O dialeto caipira na região de Piracicaba*. São Paulo: Ática, 1974. (Coleção Ensaios, 5).
- SCHLIEBEN-LANGE, Brigitte. *Iniciación a la sociolingüística*. Madrid: Gredos, 1977. (Versão espanhola de José Rubio Saéz).
- TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolingüística*. 2.ed. São Paulo: Ática. 1986. (Série Princípios, 9).